CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT

Portal FGV

Sinal de fragilidade do mercado de capitais é evidente

Empresas listadas na B3 perdem R$ 141 bi em valor

O mercado brasileiro de ações voltou a dar sinais de fragilidade. Entre os dias 2 e 10 de abril de 2025, as companhias listadas na B3 perderam, juntas, R$ 141,8 bilhões em valor de mercado, segundo levantamento da consultoria Elos Ayta. No fim do dia 10, a capitalização total das empresas da bolsa somava R$ 4,08 trilhões, ante os R$ 4,22 trilhões registrados no início do mês. As informações são da consultoria Elos Ayta.

No epicentro dessa queda está a Petrobras, responsável por mais da metade da perda total do mercado no período. A petroleira viu seu valor de mercado recuar R$ 88,7 bilhões em apenas oito dias, atingindo R$ 417,6 bilhões.

O montante remete a patamares que não eram observados desde agosto de 2023.

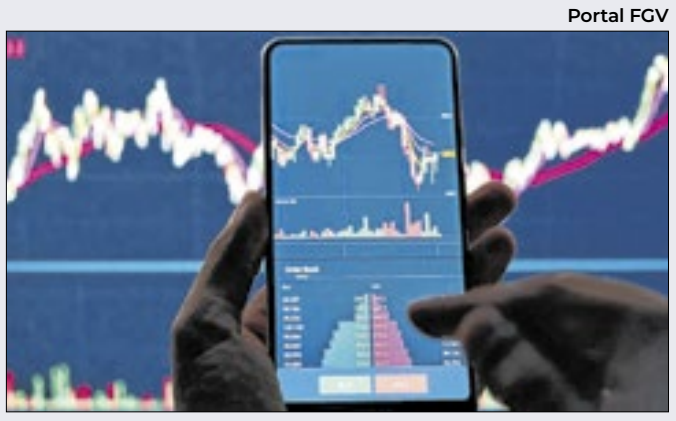
Vale

A Vale aparece logo em seguida, com um recuo de R$ 17,7 bilhões. A mineradora encerrou o dia 10 de abril valendo R$ 225,3 bilhões. Fechando o pódio das maiores perdas está a PetroRio, com R$ 5,5 bilhões a menos em valor de mercado, totalizando R$ 27 bilhões.

Perdas

No total, as dez companhias com maiores perdas no período somaram R$ 133,5 bilhões em desvalorização, representando 94% da queda total da B3. O setor de exploração e refino foi o mais atingido, com três representantes entre os maiores recuos: Petrobras, PetroRio e Brava.

Portal FGV



Primeiro trimestre (1T25) foi o pior em cinco anos

Resgate líquido de fundos chega a R$ 39,8 bilhões

A indústria de fundos registrou resgate líquido de R$ 39,8 bilhões no primeiro trimestre de 2025, revertendo a entrada de recursos de igual período em 2024, quando a captação líquida foi de R$ 119,2 bilhões, conforme dados divulgados nesta quinta-feira (10), pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima).

Foi o primeiro trimestre com o segundo pior desempenho nos últimos cinco anos, de acordo com Pedro Rudge, diretor da entidade. Apenas os primeiros meses de 2023 tiveram saídas maiores do que as deste ano. O patrimônio líquido (PL) da indústria chegou a R$ 9,4 trilhões.

Multimercados

A classe de multimercados apresentou resgate líquido de R$ 43,8 bilhões no 1t25, o pior desempenho, seguida pelos fundos de ações, que tiveram saída líquida de R$ 27,3 bilhões.

Os FIDCs acumularam resgate de R$ 15,1 bilhões em 2024.

Renda fixa

Já a classe de renda fixa foi o destaque positivo, com captação líquida de R$ 43,2 bilhões.

"A renda fixa continua sendo o carro-chefe, mas teve uma intensidade menor do que a entrada vista do primeiro trimestre do ano passado", afirma Rudge.

Condenação

A Superintendência-Geral do Cade recomendou a condenação de seis bancos por práticas anticompetitivas no mercado de câmbio offshore: Inbursa, MUFG Bank, Credit Suisse AG, BOFA Securities Incorporated, Nomura International Plc e Standard Chartered devem ser punidos pela formação de cartel.

Processo

O caso segue agora para avaliação do tribunal de conselheiros do Cade, que poderá acatar ou não a recomendação. A recomendação está formalizada.
A investigação ocorreu no processo administrativo de 2015, para apurar prática de condutas anticompetitivas no país.

Após apurar queda, setor de serviços ensaia recuperação

Após cair 0,6% em janeiro, atividade avança 0,8% em fevereiro

Valter Campanato - Agência Brasil

Após uma sequência de quedas, setor de serviços começa a ensaiar recuperação

Por Marcello Sigwalt

Após registrar 'tombo' de 0,6% em janeiro, o setor de serviços reagiu e cresceu 0,8% em fevereiro. Mas se a comparação é igual período de 2024, houve expansão de 4,2%, a décima-primeira consecutiva, conforme atestam dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada, nessa quinta-feira (10) pelo IBGE.

O sinal de retomada da atividade foi impulsionado, sobretudo, pelos serviços de informação e comunicação, que exibiram alta de 1,8%.

Com o resultado de fevereiro, o setor de serviços se encontra 1,0% abaixo do ponto mais alto de sua série, registrado em outubro de 2024.

No que toca ao patamar pré-pandemia, o volume total de serviços está 16,2% acima de fevereiro de 2020.

Sem contar com o setor de informação e comunicação, outras três atividades apresentaram desempenho positivo em fevereiro: os serviços profissionais, administrativos e complementares (1,1%), os outros serviços (2,2%) e os prestados às famílias (0,5%). O primeiro recuperou parte da perda verificada nos três meses anteriores (-3,8%), o segundo registrou um crescimento acumulado de 5,0% nos dois primeiros meses do ano, e o último readquiriu uma pequena parcela da retração verificada em janeiro (-3,3%).

"Em fevereiro, o setor de serviços mostrou um crescimento disseminado, com quatro das cinco atividades pesquisadas tendo resultados positivos. Com o avanço deste mês, houve recuperação da perda verificada em janeiro", analisa o gerente da pesquisa, Rodrigo Lobo.

No acumulado do primeiro bimestre deste ano, o volume de serviços teve alta anual de 2,6%. Já o acumulado nos últimos 12 meses avançou 2,8% em fevereiro de 2025, mesmo avanço do mês anterior.

Com avanço de 1,8%, setor de informação e comunicação foi a principal influência positiva no mês.

Dólar 'perde tração' e cresce 0,88%

Após tocar R$ 5,95 no início da tarde, em linha com a piora dos ativos de risco no exterior, o dólar desacelerou o ritmo de alta nas últimas horas de pregão e encerrou a sessão desta quinta-feira (10), com avanço de 0,88%, a R$ 5,8988. A moeda norte-americana sobe 1,09% na semana e 3,39% no mês.

Mais uma vez, os negócios no mercado de câmbio foram ditados pelo vaivém das notícias do embate tarifário entre Estados Unidos e China, que promoveram retaliações mútuas nos últimos dias. Os preços do petróleo caíram mais de 3% e já acumulam desvalorização de cerca de 15% em abril.

A percepção de que a guerra comercial vai levar a uma queda do crescimento mundial, com eventual recessão nos EUA, deprime os preços das commodities, o que castiga divisas emergentes. O real liderou nesta quinta as perdas entre as principais moedas globais, seguido pelos pesos mexicano e colombiano.

Termômetro do comportamento do dólar em relação a uma cesta de seis divisas fortes, o índice DXY caiu quase 2% e furou o piso e 101,000 pontos, com mínima aos 100,700 pontos, com a moeda americana perdendo mais de 2% em relação ao euro.

O economista-chefe do BTG Pactual, Mansueto Almeida, ressalta que a falta de acordo entre China e EUA prejudica grandes exportadores de commodities e dificulta investimentos no Brasil.

"O cenário é delicado. Grandes empresas e investimentos vão buscar maior proteção e isso vai fortalecer moedas fortes. Não é o caso do Brasil", disse Almeida, lembrando que no início do ano a expectativa era de crescimento global de 3%.

Sem trégua comercial, bolsa cai 1,13%

Divulgação B3

Continuidade da guerra comercial 'tira o fôlego' da bolsa

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, reafirmou que quer alcançar um acordo com a China e disse que está esperançoso nas negociações, mas tal sentimento não foi compartilhado pelo mercado nesta quinta-feira (10), com o Ibovespa em queda desde cedo.

Isso porque as duas maiores economias do mundo ainda não sinalizaram quem vai recuar.

Além disso, as tarifas dos EUA sobre importações chinesas somam 145% – e não 125%, como havia sido anunciado na véspera.

O Ibovespa fechou em baixa de 1,13%, aos 126.354,75 pontos, mas ainda aquém do recuo das bolsas norte-americanas: Nasdaq (-4,31%), S&P 500 (-3,46%) e Dow Jones (-2,50%).

Na bolsa brasileira, destaque para Petrobras perdendo R$ 22,67 bilhões em valor de mercado, com as ações cedendo mais de 6%, na esteira da commodity.

A mínima do Ibovespa (-2,27%) veio no início da tarde, quando investidores digeriam que as tarifas dos EUA sobre importações chinesas somam 145%, valor acima aos 125% que havia sido divulgado por Trump na quarta.

"Houve um movimento de ajuste na Bolsa hoje, por ainda haver um grau de incerteza elevado e com a expectativa de que essa guerra não vai ter uma solução simples. Não imaginamos China nem EUA arredando o pé", avalia o especialista em investimentos da Valor Investimentos Charo Alves.

Na mesma linha, a sócia da Nord Investimentos Danielle Lopes considera que "o mercado ainda não comprou a história de que haverá algo mais pacífico no curto prazo". Por isso investidores ficam em posição "mais de alerta" e trabalham com a possibilidade de que mais tarifas possam ser anunciadas, complementa.

Nem mesmo a reafirmação do Trump de que deseja alcançar um acordo com a China, sinalizando que autoridades chinesas já teriam entrado em contato para negociar, foi capaz de apaziguar o receio do mercado.

O presidente norte-americano reiterou críticas a potência asiática, alegando que o tratamento injusto com os EUA "destruiu o país", que só agora "está voltando a ficar de pé.

Na falta de direção certa, futuros caem

Os juros futuros fecharam a quinta-feira com viés de baixa no caso dos contratos curtos e em alta na ponta longa, em desenho definido só a partir do meio da tarde.

A volatilidade vinda do exterior em função da guerra tarifária continuou comandando os negócios, deixando os juros futuros sem direção firme ao longo da sessão.

No fechamento, a taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 estava em 14,805%, de 14,821% ontem no ajuste, e a do DI para janeiro de 2027, em 14,52%, de 14,48%. O DI para janeiro de 2029 tinha taxa de 14,47% (de 14,39%).

Os ativos de economias emergentes sofreram com a volta da aversão ao risco que manteve o dólar acima de R$ 5,90 durante boa parte do dia, enquanto os rendimentos dos Treasuries oscilaram ora com viés de alta ora de baixa, sem firmar tendência.

A falta de disposição da China em negociar as tarifas com os EUA já estressava os mercados antes mesmo da Casa Branca, no início da tarde, esclarecer que a carga tributária total americana sobre importações ao país asiático agora chega a 145%. O governo dos EUA elevou a taxa para 125%, substituindo a anterior de 84%.

Depois da divulgação do texto, os mercados ampliaram as perdas e os juros futuros deslizaram para cima e para baixo e um desenho mais firme acabou se configurando só a partir do meio da tarde, com a ponta longa em alta.

Para o economista-chefe da Nomad, Danilo Igliori, o elevado nível de estresse e num ambiente de mudanças rápidas dificulta a precificação correta dos ativos, especialmente os de longo prazo.